

# **Uma História da Filosofia**

## **75 Ludwig Wittgenstein**

### **Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College**

Ele estudou na Inglaterra em 1912 e essencialmente passou sua carreira filosófica na Inglaterra, embora por um período de cerca de 20 anos tenha retornado à Áustria, onde permaneceu. Gostaria de abordar Wittgenstein neste momento; contudo, retomando o que estávamos dizendo sobre Bertrand Russell, Russell, em continuidade com os empiristas do século XIX, particularmente John Stuart Mill, e sua atenção ao conhecimento científico empírico objetivo, expresso no método hipotético-dedutivo, ou seja, as explicações científicas, têm a estrutura de um sistema dedutivo baseado em amplas hipóteses gerais como premissas.

Assim, o método hipotético-dedutivo, que em Russell se manifesta em seu atomismo lógico, em suas tentativas de analisar o que supostamente conhecemos em seus constituintes lógicos e organizar esses constituintes lógicos em um sistema dedutivo, aduzindo quaisquer premissas necessárias como hipóteses para isso. Portanto, o método hipotético-dedutivo e, claro, a extensão universal desse método científico. E vimos como isso se aplicava a Russell, já que ele desejava que esse método fosse o método de toda a filosofia, de todo o conhecimento humano, de toda a ciência.

Em outras palavras, esse movimento da filosofia do século XIX para o Russell do início do século XX representa o tipo de cientificismo, como é chamado, que considera o método científico como o único método aceitável para nos fornecer conhecimento confiável. Esse tipo de cientificismo. E é isso que transparece em Wittgenstein, e devo acrescentar o Wittgenstein da juventude, o Wittgenstein do *Tractatus Logico-Philosophicus*.

O Wittgenstein da fase posterior, representado por sua obra *Investigações Filosóficas*, é diferente, e o analisaremos na próxima semana. Mas o Wittgenstein da fase inicial segue Russell nesse aspecto, assim como o positivismo lógico das décadas de 1930 e 1940. Essa é a posição defendida por A.J. Ayer, embora ele modere, em alguns aspectos, o apelo à ciência e ao método hipotético-dedutivo.

Certo, então mantenham essa estrutura em mente. E deixe-me dar um esboço da estrutura de Wittgenstein sobre a qual quero fazer alguns comentários, de alguns trechos de seu *Tractatus*. Uma das coisas interessantes, e eu a mencionarei em alguns instantes, é que Russell escreveu a introdução ao *Tractatus*.

Independentemente de essa ter sido ou não a intenção de Wittgenstein, a introdução de Russell parece indicar que o que Wittgenstein está fazendo é o que o próprio Russell almejava em seus *Átomos Lógicos*. O que Russell realmente afirma no prefácio é que o livro começa com a relação entre palavras e coisas. E é uma relação

que demonstra como a filosofia tradicional surge da ignorância e do mau uso da linguagem.

Esse é um tema recorrente entre os positivistas, presente em Wittgenstein tanto em sua fase inicial quanto tardia, e com o qual Russell certamente concorda. Lembre-se que o título de sua obra era *Misticismo e Lógica*, na qual ele criticava os idealistas. Russell prossegue dizendo que o que precisamos, devido ao mau uso da linguagem, é de uma linguagem ideal.

Não uma língua real, nem uma língua qualquer, mas uma língua ideal, na qual cada nome, cada substantivo, se refere a um único fato, de modo que nenhuma palavra jamais possa ser usada para se referir a duas coisas diferentes. Eliminar a ambiguidade. Eliminar a dupla referência.

Eliminar conotações que possam induzir a erro. Uma linguagem estritamente lógica, na qual os fatos atômicos são descritos de forma semelhante por proposições atômicas. Você se lembra da frase de Russell a esse respeito?

Agora Russell afirma que é isso que Wittgenstein está fazendo. Bem, vejamos. Wittgenstein diz que o livro, em seu próprio prefácio, é o que Wittgenstein diz.

O livro trata dos problemas da filosofia. Você pode ter dificuldade em identificá-los durante a leitura, mas o autor afirma que se trata dos problemas da filosofia e demonstra que a razão pela qual esses problemas surgem é que a lógica da nossa linguagem é mal compreendida. A lógica da nossa linguagem.

Ora, o que ele quer dizer com lógica no sentido da lógica da linguagem? Obviamente, ele não está se referindo a silogismos dedutivos. Essa não é a lógica da linguagem. Ele também não está se referindo ao raciocínio indutivo.

Essa não é a lógica da linguagem. Ele está se referindo à estrutura lógica da linguagem. À forma lógica que ela possui.

A forma sujeito-predicado, em particular. De modo que a forma sujeito-predicado das proposições afirma fatos. Certo? Afirma fatos.

As palavras, que são signos, nomes, não afirmam necessariamente nada. Então, se eu entrasse na sala e simplesmente dissesse "marrom", "casa" e algumas outras palavras isoladas, você pensaria que eu sou maluco, porque eu não estaria afirmando nada. Não estaria declarando fatos.

Estou apenas constatando fatos. Não estou afirmando fatos. Mas certamente não neste caso.

Então ele diz que a razão pela qual os problemas da filosofia são mal compreendidos, ou mesmo contestados, é que a lógica da linguagem, o uso lógico da linguagem, é mal compreendida. E assim, todo o sentido deste livro pode ser resumido nas seguintes palavras, às quais ele retorna na última página: Tudo o que pode ser dito, pode ser dito com clareza.

Aquilo sobre o que não conseguimos falar claramente, devemos silenciar. Em outras palavras, ou falamos ou nos calamos. Bem, o objetivo do livro, então, é delinear as limitações do que a linguagem pode dizer e mostrar-nos como ela o faz.

É um livro sobre a lógica da linguagem. Agora, com isso em mente, acho que você consegue entender melhor este esboço que lhe apresentei. Os números na coluna da esquerda correspondem à numeração dos parágrafos no texto.

Então, a primeira afirmação dele é 1. A próxima é 1.1. A digitadora digitou 1-1 em vez de 1.1. Um mal-entendido, o que não surpreende, já que é um formato incomum. Ora, às vezes você encontra um parágrafo inteiro com esse número, às vezes apenas uma frase. Parece ser um reflexo da maneira como o homem não só escrevia, mas também ensinava.

Dizem que ele reduzia o número de alunos matriculados em seus cursos, ficando apenas com meia dúzia de pessoas que lhe interessavam. E eles se reuniam em seus aposentos em Cambridge, onde os professores têm suas próprias acomodações. Encontravam-se lá, em seus aposentos.

E ele costumava sentar-se numa cadeira de encosto rígido, com as pernas abertas e os braços apoiados na frente, absorto em pensamentos, e proferia alguma frase, esperando que os participantes do seminário continuassem a discussão, muitas vezes com longas pausas à espera de que pessoas como David se manifestassem. Contam-se todos os tipos de histórias sobre esse personagem misterioso e a maneira como ele lidava com as situações. Mas reparem no que ele está dizendo.

É exatamente isso. O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. Eis uma distinção nova.

Entre fatos e coisas, o que ele quer dizer? Um fato é a existência de um estado de coisas. Certo? Então, um fato provavelmente é complexo. Podem existir fatos moleculares.

Podem existir fatos atômicos. Existe Russell. Certo? Podem existir fatos moleculares.

Podem existir fatos atômicos. Um fato é a existência de estados de coisas. Estados de coisas são combinações de objetos ou coisas.

Assim, as coisas são simplesmente constituintes de estados de coisas. Agora observe o que está acontecendo. O argumento dele é que as palavras nomeiam as coisas.

Certo? As palavras nomeiam as coisas. Essas palavras nomeiam as coisas. As palavras são constituintes de, ou melhor, as coisas são constituintes de estados de coisas.

São fatos que definem estados de coisas. Agora, o ponto pertinente à confusão da linguagem é que uma palavra pode ser usada para nomear muitas coisas diferentes. Um dos exemplos que ele dá é: verde é verde.

E ele destaca que o primeiro verde representa um homem. Vamos chamá-lo de William Green. O segundo verde representa uma propriedade.

Ele está com inveja. Entendeu? Agora, por outro lado, ele poderia ter dito, suponho, que "verde" é o nome, o "verde" é o nome de um pátio no campus da universidade. Ou dos prados verdes ao longo do rio Cam em Cambridge.

O verde. E talvez na primavera alguém diga que verde é verde. Nome de um lugar.

E um senso de qualidade. Mas isso é simplesmente a sua ilustração do fato de que as palavras podem nomear coisas diferentes. A mesma palavra para coisas diferentes.

Ambiguidade. Surge confusão. Problemas filosóficos surgem do uso confuso da linguagem dessa maneira.

Agora, porém, nós captamos as informações da imagem por nós mesmos. Sim. Imaginamos o verde como verde de inveja.

Ou imaginamos o gramado de Cambridge como verde. Lembro-me de caminhar por ele. É verde.

Muito verde. Exuberante. Bem ao lado de um rio.

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, eu estava destacado numa base nos arredores de Cambridge. Costumávamos ir lá nos nossos dias de folga e passear pela universidade. Então, tudo bem.

Imaginamos os fatos para nós mesmos. Fazemos isso em nossas mentes. Imaginamos os fatos.

Uma imagem, ou seja, um estado mental, a imagem. A imagem, esse estado mental, é um modelo da realidade. É um modelo mental.

Certo. Mas na imagem, existem elementos que representam objetos, coisas. Então, o que acontece na imagem? Bem, a imagem que temos são coisas ou objetos representados pelos elementos na imagem, através dos quais representamos os fatos para nós mesmos.

Certo. A imagem mental de um fato, que é um estado de coisas, é composta por elementos nessa imagem mental que são referidos por palavras correspondentes às coisas que constituem os estados de coisas. Portanto, você precisa estabelecer essas correlações.

Você vê as afirmações atômicas de Russell, proposições atômicas correspondentes a estados de coisas atômicos, e a correspondência biunívoca entre os elementos de um e os elementos do outro, do começo ao fim. Mas, além de a imagem ser um modelo mental, dois, um, quatro, um, a própria imagem é um estado de coisas, um fato. Sim, é um estado de coisas presente que eu tenha essa imagem em minha mente.

A imagem em si é um fato. E deve haver, portanto, algo idêntico entre a imagem e o que ela retrata. Na imagem e no que ela retrata, sim, deve haver alguma correspondência entre os dois.

Certo. A imagem mental pode ser composta de palavras, mas o estado de coisas ao qual ela se refere não é composto de palavras. Que tipo de identidade existe entre a imagem mental e o estado de coisas objetivo? Entende? Não é que ambos sejam compostos de palavras.

Ah, é a forma lógica. Precisamos de uma forma lógica de linguagem que seja idêntica à forma lógica dos estados objetivos das coisas. Certo? Então, número três, uma representação lógica dos fatos, veja bem, é um pensamento.

E a imagem lógica é como uma proposição. Uma proposição expressa um pensamento que pode ser percebido pelos sentidos. Sim, porque a proposição pode ser ouvida, pode ser lida, seja ela uma proposição simples ou complexa referente a fatos atômicos ou moleculares, conforme o caso.

Então, duas coisas sobre esse primeiro segmento. Você vê como ele está usando a análise lógica de Russell, o atomismo lógico. Essa é a primeira.

A segunda teoria é conhecida como a teoria pictórica do significado de Wittgenstein. Representações mentais, pensamentos, são imagens correspondentes a estados de coisas. Agora, se refletirmos por um momento sobre a natureza do significado, certo, a natureza do pensamento, a natureza do significado, certo, o significado pode ser simplesmente denotacional, o que em lógica chamamos de extensão, a extensão lógica de um substantivo.

O que denota? Quais são os detalhes, um ou muitos, aos quais se refere, aos quais se estende? Assim, o que ele está fazendo é enfatizar quase completamente o significado denotativo, o significado extensional da linguagem. E na medida em que os estados de coisas parecem ser objetos empíricos, isso se torna um empirismo, uma teoria empirista do significado. O antecedente disso é, naturalmente, em John Stuart Mill: a que se refere empiricamente a palavra "matéria"? À possibilidade permanente de sensações.

A que se refere empiricamente a palavra mente? À possibilidade permanente de reflexões, à teoria empirista do significado. A teoria formulada por David Hume sobre todas as questões factuais, afirmações, interessantes, a mesma palavra, fato, fato. O que é um fato, uma questão factual, um estado de coisas? Bem, se você não consegue, então, segundo Hume, traduzir essa linguagem filosófica para a linguagem dos fatos empíricos, das afirmações objetivas, ela não tem sentido.

Você se lembra de, ao final de sua investigação, ele ter queimado tudo? Vamos fazer aquela grande queima de livros cheios de baboseiras metafísicas sem sentido. Então, o que se obtém em Wittgenstein é a teoria empirista do significado, a mesma de Hume, mas é a teoria empirista, a mesma de Mill, traduzida para a linguagem do atomismo lógico de Russell e reafirmada no início da obra de Wittgenstein. E é precisamente essa teoria empirista do significado que, no positivismo lógico de Engler, se manifesta como o princípio da verificabilidade.

Aquilo que anotei ali, o princípio da verificabilidade do significado. Vocês deveriam estar lendo Ayer agora; alguns de vocês talvez já tenham começado. O primeiro capítulo de *\*Linguagem, Verdade e Lógica\**, de Ayer, intitula-se *\*A Eliminação da Metafísica\**.

Com base em quê? Na teoria empirista do significado. Graças a Russell e alguns equivalentes continentais, Wittgenstein, veja bem, e à tradição de Mill e David Hume, houve a eliminação da metafísica. A corrente antimetafísica do empirismo do século XIX reapareceu no positivismo do século XX.

Ficou claro? A teoria pictórica do significado? Muito bem, vamos repassar a segunda parte. Signos e símbolos. Talvez você esteja acostumado a usar os dois termos como sinônimos.

Ele não concorda. E muitos semanticistas também não. Uma palavra é um signo.

Certo, uma palavra é um signo. Um mesmo signo pode ser comum a dois símbolos diferentes. Sim, veja bem, a palavra pode simbolizar, a palavra pode ser usada para simbolizar coisas diferentes.

A palavra "verde", esse som poderia ser usado para simbolizar Bill Green, e eu não inventei o nome Bill Green. Acontece que existe um Bill Green que eu conheço, entende? Pode simbolizar o verde .

Pode ser usado para simbolizar o estado de coisas chamado inveja. E, claro, pode ser usado para simbolizar a cor. Portanto, um mesmo sinal pode ser comum a vários símbolos.

Dessa forma, as confusões mais fundamentais são facilmente produzidas. A filosofia, diz ele entre parênteses, está cheia delas. Sim.

Quando avançarmos um pouco mais, chegaremos ao problema mente-corpo. E ao seu livro sobre o conceito de mente, no qual ele sugere que é simplesmente por meio de um mal-entendido sobre a lógica da linguagem que a palavra mente passou a ser usada para se referir a uma entidade, uma parte imaterial do ser humano. Enquanto que a lógica da linguagem, quando compreendida corretamente, é tal que a mente se refere simplesmente a certas funções cerebrais.

Entende? Dessa forma, a confusão se instala facilmente. Para evitar esses erros, não devemos usar o mesmo sinal para símbolos diferentes.

Isso é óbvio. O que precisamos é de uma língua de sinais regida por uma sintaxe lógica. A língua ideal de Russell.

Sim. O que precisamos para fazer filosofia com precisão é lógica simbólica. Veja bem, foi esse tipo de coisa que impulsionou a indústria da lógica simbólica como ela se tornou.

E então, 403, a maioria das proposições e perguntas encontradas em obras filosóficas não são falsas; são apenas absurdas. Não têm sentido, não têm significado. Entende?

O que ele quer dizer com sentido é o referente de uma palavra. A palavra verde pode se referir a várias coisas. Portanto, um uso sem sentido da linguagem é o uso da linguagem que não possui um referente empírico.

Então, quando no positivismo lógico você encontra a afirmação de que a metafísica, a linguagem metafísica, é um absurdo, ou qualquer coisa que não passe pelo critério de aprovação , mas sim pelo critério de verificabilidade do significado, você está dizendo que ela não tem referente. Não tem referente empírico. Nada a que ela se refere é de natureza empírica.

Então, se a maioria das proposições e questões encontradas na filosofia são absurdas, que função resta para a filosofia senão calar-se? E a resposta é 4031. A

filosofia é esta crítica da linguagem. Analisar os usos da linguagem para determinar se eles têm ou não significado empírico, se têm ou não algum sentido.

Se não forem verdadeiras, rotule-as como tal e ignore-as. Se forem, a veracidade ou falsidade poderá ser determinada pelas ciências empíricas apropriadas.

A filosofia não se ocupa de determinar a verdade de nada. Se todo significado é empírico, então a verdade das proposições é uma questão científica, não filosófica. Assim, a filosofia torna-se, por assim dizer, a lógica de uma central de comunicações linguísticas, que recebe chamadas perguntando: "Você pode me ajudar com este tipo de assunto confuso?" E encaminha as chamadas, conectando-as às diferentes ciências.

A função da filosofia é simplesmente a lógica, a lógica da linguagem. E então, 411, segue-se que a totalidade das proposições verdadeiras é a totalidade da ciência natural. Agora, lembre-se de que usei o termo cientificismo ao introduzir isso.

O que é cientificismo ? É a visão de que apenas o conhecimento científico é válido. Somente aquilo que provém do método científico pode ser verificado pelo método científico e é considerado válido e aceitável. Trata-se de um exclusivismo científico, claramente defendido pelos empiristas do século XIX, aqui novamente no início da carreira de Wittgenstein e pelos positivistas lógicos.

Certo? Mas, falando sério, filosofia não é uma ciência natural. Ela visa ao esclarecimento lógico do pensamento. Não é um corpo de doutrinas, mas uma atividade.

Nessa última frase, você pode usar sublinhado e assim por diante. Portanto, segundo Wittgenstein, você não deve mais falar da filosofia de alguém como se fosse um corpo de doutrina. Não fale da filosofia de Hegel como um corpo de doutrina.

Entende ? Você fala mais de pessoas que estão fazendo filosofia. Essa expressão foi introduzida por Wittgenstein, mas pegou fora do círculo de pessoas que concordam com ele, então você provavelmente nos ouve por aqui dizendo: vamos lá, faça filosofia. Não fique falando disso de forma indireta.

Entenda a linha de raciocínio do cara e faça um pouco de filosofia por conta própria, entende? Filosofia é uma atividade de análise, seja lá o que isso signifique. No mínimo, é isso.

Bem, o argumento dele é que as proposições filosóficas não retratam a realidade. A ciência faz isso. A ciência só pode nos informar sobre o que pode ser compreendido e expresso de maneiras empiricamente verificáveis.

Portanto, a ciência não pode abordar questões metafísicas ou religiosas, a menos que seja por meios puramente empíricos. E ele afirma que, então, tudo o que pode ser pensado pode ser pensado com clareza. E sobre o que não pode ser pensado com clareza, devemos manter silêncio .

Certo. Deixe-me acrescentar apenas alguns pontos para mostrar como ele aplica isso. Na medida em que ele defende o empirismo científico, ele também defende o problema; obviamente, ele vai se deparar com o problema da indução.

A uniformidade da natureza é o problema. É na afirmação da uniformidade da natureza que todo o raciocínio indutivo se baseia. Bem, aqui está o que ele diz sobre isso.

A chamada lei da indução não pode ser uma lei da lógica, pois é obviamente uma proposição com sentido. Uma proposição com sentido é aquela que se refere a dados empíricos. A lei da indução, a uniformidade da natureza, refere-se à uniformidade dos dados empíricos.

Então não é uma lei da lógica. Certo. Bem, e quanto à lei da causalidade, que está na base da lei da indução na filosofia tradicional? A lei da causalidade não é uma lei, mas apenas a forma de uma lei.

A lei da causalidade é um termo genérico. Em mecânica, existem princípios mínimos e leis causais. Em física, existem leis causais.

Não existe uma lei de causalidade geral. Trata-se simplesmente da forma vazia da qual participam leis causais específicas . Portanto, enfatiza-se a estrutura lógica dessas leis.

Vejamos. Um pouco mais adiante. O procedimento de indução não possui justificativa lógica.

Bem, isso é David Hume de novo. Mas apenas uma justificativa psicológica. David Hume de novo.

Entende ? Sim, a justificativa psicológica reside na crença, fundamentada psicologicamente, na causalidade em virtude das conjunções constantes que condicionam nossas expectativas. E então não há compulsão que faça uma coisa acontecer porque outra aconteceu. Não há necessidade causal.

A única necessidade que existe é a necessidade lógica. Que A não pode ser não-A, por exemplo. Não existe necessidade causal.

Assim, toda a concepção moderna do mundo se fundamenta na ilusão de que as chamadas leis da natureza são explicações dos fenômenos naturais. As leis da natureza não são explicações dos fenômenos naturais. As leis da natureza não são leis.

Eles são totalmente desnecessários. E quanto aos valores? Valores morais? Certo. Eis o que ele diz sobre valores morais.

No mundo , ou seja, no mundo dos fatos, dos fatos empíricos, tudo é como é. Tudo acontece como acontece. Nele, não existe valor.

No mundo, tudo acontece como acontece porque o valor não é um fato empírico. Não é empiricamente observável. Se existe algum valor que de fato o tenha, ele deve estar fora de toda a esfera do que acontece no mundo.

Certo? O valor teria que ser algo externo. Deveria estar fora do mundo. Portanto, é impossível haver proposições de ética.

O que é uma proposição? Uma afirmação sobre estados de coisas. Fatos. Fatos empíricos.

Portanto, não existem proposições de ética, nem proposições éticas. Proposições não podem expressar nada que seja superior aos fatos. Logo, fica claro que a ética não pode ser expressa em palavras.

O que é uma lei ética da forma "deverás"? Quando tal lei é estabelecida, o primeiro pensamento que vem à mente é: "E se eu não fizer? Deverás, e se eu não fizer?". É evidente que a ética não tem nada a ver com punição e recompensa no sentido usual dos termos. Portanto, nossa questão diz respeito às consequências de uma ação, e isso é irrelevante.

Essas consequências não deveriam ser eventos. Pois deve haver algo inerente à questão que levantamos. Deve haver algum tipo de recompensa e punição ética que resida na própria ação.

Então, qual é a função da linguagem ética? Bem, Wittgenstein não nos diz isso explicitamente. O positivista lógico diria que a linguagem ética é puramente emotiva. Dizer "não roubarás" é simplesmente expressar uma emoção sobre o comportamento de algumas pessoas , desabafar, sentir, não declarar fatos.

Não existem fatos éticos a serem registrados em proposições. Isso nos leva à teoria emotivista da ética, que veremos em Wittgenstein. Vocês notarão que ele dedica um capítulo à ética e à estética.

E então, uma ou duas coisas finais. A morte. A morte, diz ele, não é um evento na vida.

Não vivemos para experimentar a morte. Portanto, não existe conhecimento empírico sobre a morte. Nossa vida não tem fim, assim como nosso campo visual não tem limites.

Não há garantia da imortalidade temporal da alma humana ou da sobrevivência após a morte. Isso sempre foi o que se pretendia, ou será que algum enigma foi resolvido pela minha sobrevivência? A solução para o enigma da vida, nesse caso, estaria fora da própria vida, fora do espaço e do tempo, das incongruências.

Não, mas a solução para o problema da vida e seu sentido reside no desaparecimento do problema, pois com a morte ele desaparece. Sem vida, sem problema. Muito bem, então, finalmente isso.

Esta é a conclusão. O método correto em filosofia deve ser realmente o seguinte: não dizer nada além do que pode ser dito, isto é, proposições da ciência natural, e então dizer o que quer que alguém quisesse para demonstrar que alguém falhou em atribuir significado a certos signos em sua linguagem.

Aquilo sobre o que não podemos falar em proposições empíricas, devemos deixar de lado na ciência. Fim do livro. Bem, você entendeu a linha de raciocínio? Ótimo.

É muito semelhante ao de Russell nesta fase, muito semelhante, exceto que, creio eu, da forma como está formulado, avança vários passos em direção ao próprio positivismo lógico. Vários passos em direção. Perguntas, comentários? John? Não.

Sim. O que ele está realmente dizendo, eu acho, no fundo de tudo isso, é que o problema do sentido da vida é um problema empiricamente sem sentido. Um problema significativo é aquele que faz perguntas factuais.

Não se trata de fazer perguntas factuais. Qual é o sentido da vida? E se você disser que o sentido da vida é o fato de haver uma vida após a morte na qual tudo se esclarece, ou algo do gênero, então você está dizendo que o sentido da vida está fora da vida. Então, como isso poderia ser respondido empiricamente? É interessante observar o que outros empiristas fizeram com essa questão que ele levantou.

Houve um debate entre dois indivíduos, ambos positivistas lógicos, Rudolf Carnap e Moritz Schlich. E creio que esse debate ocorreu no *British Journal of Philosophy of Science*, na década de 1920, se bem me lembro, no qual Schlich argumentou que a discussão sobre a imortalidade de um estado futuro é empiricamente sem sentido. Carnap argumentou que não, que poderia ser empiricamente significativa apenas se dispuséssemos de dados empíricos posteriormente.

Veja bem, daqui em diante. E John Hick, o filósofo britânico da religião, em um determinado momento de seu pensamento — e ele passou por várias fases, agora está em uma fase muito diferente —, quando discutia o significado da linguagem religiosa em termos empiristas, ele falou de verificação escatológica. Veja, Carnap parecia dizer que a crença na imortalidade seria passível de verificação escatológica, ou seja, teria significado empírico.

Bem, Hick queria dizer que a fé cristã em si é passível de verificação escatológica, de modo que no último dia, João, você poderá dizer a alguém: "Ei, eu te avisei". Sim, então, se você tiver uma definição ampliada do empírico, a experiência futura poderia, em princípio, ser explicada. Certo.

Ele se dedica à estética? Ele fala muito sobre isso? Sim. Você imagina que isso o levará a se opor a ela? Ele se opõe, mas não sei o que ele diz sobre estética. Há alguém aqui que participou do seminário sobre Wittgenstein e se aprofundou em estética? Você se aventurou nesse campo, não é? O que ele diz sobre estética? Pode me ajudar? Há uma coletânea recente de fragmentos dele que inclui comentários sobre estética.

Não li. Nem eu. Acho que não discutimos nada do que ele disse em seus trabalhos anteriores. Seria em seus trabalhos posteriores, quando ele aborda a linguagem comum em termos menos científicos.

Então, antes, isso não era realmente um problema. Ok. Sim, deixe-me dizer o seguinte sobre seus trabalhos posteriores.

O que ele faz em seus trabalhos anteriores, ele reconsidera posteriormente. O *Tractatus* foi publicado em 1921. Em 1929, ele deixou Cambridge e abandonou a filosofia.

Ele só retornou na década de 40. E em 1945, publicou *Investigações Filosóficas*. Nesse livro, ele afirma que a teoria pictórica do significado não possui um significado claro.

E esse comentário dele deu origem à crítica de autorreferencialidade da teoria da verificabilidade. Ou seja, para uma proposição ser verificável, ela precisa ser empiricamente acessível, enquanto a teoria da verificabilidade do significado não é empiricamente acessível. Portanto, ela não é verificável, entende?

E essa foi uma das coisas que levaram à queda do positivismo lógico. Ele também sugeriu que o sonho de Russell de proposições atômicas, unidades indivisíveis de pensamento, é vago demais. Não existe um critério claro para uma proposição atômica.

E a noção de uma linguagem ideal é muito artificial. Ele diz que coisas como linguagem lógica e linguagem simbólica são como exercícios de marcha para soldados. Ótimas para ensinar disciplina lógica, mas não se usam no campo de batalha.

E foi com isso que ele abandonou esse cientificismo , essa tentativa de restringir todo discurso significativo ao discurso científico, e começou a falar sobre jogos de linguagem. Ou seja, a variedade de funções linguísticas diferentes, das quais a linguagem científica é apenas uma. E entendo que Ryan está dizendo que a linguagem estética pode ser compreensível dessa forma.